

O EMPREENDEDOR DE SI E A EDUCAÇÃO: TENSÕES DISCURSIVAS NA ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA¹

Ricardo José Reis de Abreu²

Márcia Aparecida Amador Mascia³

Resumo: Este artigo faz parte de uma tese de doutorado em Educação e tem como proposta discutir a construção subjetiva do empreendedor de si a partir da trazida do empreendedorismo para dentro da escola pública. Toma-se como objetivo rastrear nas falas dos sujeitos entrevistados como eles se subjetivam frente aos saberes do empreendedorismo. Inspirada no conceito foucaultiano de governamentalidade, a pesquisa propõe a realização de um trabalho de campo investigativo/qualitativo a partir de entrevistas semi-abertas com três sujeitos que cursaram o ensino médio técnico em escola pública e que participaram de processos de incubação de empresas desenvolvidas naquela instituição. Os resultados nos apontam como discursivamente os sujeitos vão sendo capturados e subjetivados pelo discurso do empreendedorismo mas, também, como pelas falas surgem momentos de resistência.

Palavras-chave: Políticas públicas educacionais; Governamentalidade neoliberal; Capital humano; Práticas de subjetivação; Empreendedor de si.

THE SELF-ENTREPRENEUR AND EDUCATION: DISCURSIVE TENSIONS IN CONTEMPORARY PUBLIC SCHOOL

Abstract: This article is part of a doctoral thesis in Education and aims to discuss the subjective construction of the self entrepreneur from the context of been brought the entrepreneurship into the public school. The objective is to track in the discourses of the interviewed subjects how they subject themselves in relation to the knowledge of entrepreneurship. Inspired by the Foucaultian concept of governmentality, the research proposes carrying out an investigative/qualitative fieldwork based on semi-open interviews with three subjects who attended technical high school in a public school and who participated in business incubation processes developed in that institution. The results show us how the subjects are being discursively captured and subjectified by the discourse of entrepreneurship, but also how moments of resistance arise through their discourses.

Keywords: Educational public policies; Neoliberal governmentality; Human capital; Subjectivation practices; Self entrepreneur.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade São Francisco.

³ Universidade São Francisco.

Introdução

Ao longo de sua história republicana, o Brasil passou por muitas transformações sociais, políticas e conseqüentemente econômicas. Quase simultaneamente a essas transformações, várias políticas públicas educacionais foram implementadas e algumas delas se mostraram preocupadas em conduzir a sociedade para uma determinada ordem posta, apresentando discursos direcionados a problemas futuros passíveis de correção, desde que a população também oferecesse sua contribuição, colocando em prática determinados comportamentos. No que tange aos aspectos econômicos isso não é diferente.

Educação e Economia são dois aspectos da vida moderna intimamente ligados que se reverberam permanentemente. Essa importante relação entrou estrategicamente no foco das ações governamentais a partir do momento em que a escola pública foi identificada como possível *locus* de produção e transmissão de saberes e práticas capazes de favorecer o alcance de objetivos econômicos fixados previamente.

A presença do empreendedorismo no currículo também segue nesse bojo, pois sua discursividade está voltada para a produção de condutas econômicas individuais e coletivas capazes de impulsionar o desenvolvimento do capitalismo em sua fase atual, entendida como neoliberalismo. É nesse contexto que esta investigação se desenvolve, considerando que “[todo] sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos com saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1999, p. 44).

Nesta pesquisa, o objetivo geral é problematizar a racionalidade neoliberal e, a partir dela, a produção escolarizada das condutas econômicas dos sujeitos empreendedores de si, cuja formação é atravessada por saberes voltados para o empreendedorismo e pautados pela Teoria do Capital Humano. E como objetivo específico pretende-se rastrear nas falas dos sujeitos entrevistados como eles se subjetivam frente aos saberes do empreendedorismo.

Teoricamente, o artigo fundamenta-se no conceito foucaultiano de governamentalidade e na Teoria do Capital Humano suscitando abordagens

inspiradas em análises discursivas empreendidas a partir das falas dos Sujeitos Participantes da Pesquisa. Inserimo-nos na análise do discurso franco-brasileira que tem como autores bases, Pêcheux (1983) na França e Orlandi (2001), no Brasil.

Acerca da análise discursiva, segundo Orlandi, as análises discursivas das falas não devem ser tomadas como mensagens que devem ser decodificadas, mas sim como “efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender” (ORLANDI, 2001, p. 30). Para a análise do discurso, não existe o sentido verdadeiro, ou um único sentido, mas sentidos possíveis dentro de um determinado momento sócio-histórico-ideológico. Desse modo, fazer análise discursiva consiste, primeiramente, resgatar as condições de produção do discurso, neste caso, da racionalidade neoliberal, levantar os efeitos de sentido possíveis dentre destas condições e mostrar como esses efeitos se materializam linguisticamente nas falas dos sujeitos.

A coleta de dados das entrevistas foi realizada junto a uma incubadora de empresas⁴ de base tecnológica vinculada a uma escola pública, de ensino básico, localizada no sul do Estado de Minas Gerais. A princípio, a criação desta incubadora teve como ideia implantar um modelo de empreendedorismo na matriz curricular dos cursos de nível médio. Embora, na região, existam várias incubadoras de empresas mantidas por órgãos públicos como prefeituras e instituições públicas e privadas de ensino superior, a opção se deu pelo fato desta amparar projetos desenvolvidos dentro de uma escola pública de ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT). Foram entrevistados 3 ex-alunos que participaram de processos de incubação de empresas desenvolvidos naquela instituição durante o ensino médio/técnico.

Além da introdução, o artigo se organiza em 3 seções: fundamentos teóricos, metodologia, análise dos excertos e conclusão.

A emergência do *homo oeconomicus*: entre a governamentalidade neoliberal e a Teoria do Capital Humano

⁴ Uma incubadora de empresas é um projeto cujo objetivo é dar suporte (técnico, administrativo, financeiro, contábil) à criação e desenvolvimento de pequenas empresas em sua fase inicial.



Segundo Foucault, (1979), a partir do século XVIII, a racionalidade governamental aprimorou seus mecanismos de poder, sempre tentando encontrar novas formas cada vez mais efetivas e menos dispendiosas para o seu exercício. Desse modo, o poder começou a se alicerçar em um conjunto de novas táticas que se dirigiam ao governo dos homens, enquanto população, promovendo a garantia das liberdades individuais para produzir, consumir e buscar a felicidade. Com isso, o Estado, paulatinamente, foi mudando sua imagem perante a opinião pública já que sua presença na vida das pessoas não se dava somente por meio da arbitrariedade do monarca, das instituições disciplinares ou da coerção da lei. E é essa mudança que chama a atenção de Michel Foucault (1979) que vê, nesse fenômeno, o surgimento de uma nova arte de governar. Nesta nova arte de governar, “não se trata de impor uma lei aos homens, mas de dispor as coisas, isto é, utilizar mais táticas do que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas. Fazer, por vários meios, com que determinados fins possam ser atingidos” (FOUCAULT, 1979, p. 284).

Para tentar explicar essa complexa rede de relações, Foucault (2008b) cria um novo conceito, o qual ele denominou “governamentalidade”.

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência deste tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros - soberania, disciplina - e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado” (FOUCAULT, 2008b, p. 143-144).

Num primeiro momento, pode-se conceber a governamentalidade somente em sua dimensão política, mas sem perder de vista a noção de que ela engloba vários outros aspectos da vida humana. Uma das características mais importantes da

governamentalidade é a aptidão de conferir ao poder a possibilidade de decidir, a cada momento e de acordo com os cenários estabelecidos, os problemas que devem (ou não) ser geridos pelo Estado. “E esse Estado de governo, que tem essencialmente por objeto a população e que se refere [a] e utiliza a instrumentação do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008b, p.145-146).

De modo geral, o conceito de governamentalidade vinculou-se à arte de governar as coisas, as condutas individuais e coletivas, além de gerir os demais problemas de governo que surgem conforme as relações sociais, políticas e econômicas se tornam mais complexas. Com o advento do Liberalismo na segunda metade do século XVIII, o aspecto econômico passa a ter forte peso nas questões governamentais.

A lógica liberal reivindicava grande apreço às liberdades individuais e maior limitação na intervenção do Estado na economia, fazendo prevalecer, a partir de então, a livre concorrência e o livre comércio entre particulares, ainda que sob certa vigilância do Estado. A partir do momento em que o Liberalismo repele a presença do Estado nos processos econômicos, ele se coloca na obrigação de ser responsável por si, devendo atuar como “gestor dos perigos e dos mecanismos de segurança/liberdade, do jogo segurança/liberdade que deve garantir que os indivíduos ou a coletividade fiquem o menos possível expostos aos perigos” (FOUCAULT, 2008a, p. 90).

Essa combinação segurança/liberdade alterou profundamente o papel do Estado que, dentro dessa nova lógica, transfere muitas responsabilidades para a população e para o mercado. Buscar-se-ia, desde então, governar menos para governar mais, interferência mínima e eficiência máxima. A crítica governamental se voltou contra o Estado controlador, entendendo que suas ações direcionadas para o domínio de todos os fenômenos relacionados à população eram dispendiosas, injustificáveis e desnecessárias.

Neste contexto surgiu um personagem importante: o *homo oeconomicus*:

o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os



neoliberais será substituir, a cada instante, o homo oeconomicus parceiro da troca por um homo oeconomicus empresário de si mesmo [...] (FOUCAULT, 2008a, p. 310 - 311, grifos do autor).

Assim, o modelo econômico neoliberal trouxe para outras esferas de nossa vida, valores e saberes de natureza econômica que adquiriram um status normativo no que se refere aos nossos comportamentos e condutas. Nesse contexto, somos permanentemente subjetivados com relação a alguns aspectos de nossa conduta econômica (formação, trabalho, consumo, investimentos, etc.) e a escola pública, ao lado de outras instituições, pode ser concebida como um eficiente dispositivo de governamentalidade, no que se refere à disseminação de saberes e práticas pautados pela racionalidade neoliberal, buscando produzir um estoque de capital humano constituído por sujeitos capazes de impulsionar o crescimento das economias de mercado.

No pensamento neoliberal, destaca-se a Teoria do Capital Humano, desenvolvida na Universidade de Chicago nas décadas de 1950 e 1960, a partir dos trabalhos realizados por Theodore William Schultz e que passou a ser propagada e popularizada no mundo.

Na esteira da Teoria do Capital Humano, a educação deixou de ser considerada um direito social, adquirindo o status de um bem de capital que possui valor econômico, cujos investimentos (públicos e privados) devem ser geridos de forma racionalizada e com vistas ao favorecimento dos processos produtivos, da geração de renda e das escolhas de consumo.

Em suma, a estreita interface dessa teoria do Capital Humano com a educação está, portanto, na importância que a primeira atribui à segunda, no sentido desta última funcionar como investimento cuja acumulação permitiria não só o aumento da produtividade do indivíduo-trabalhador, mas também a maximização crescente de seus rendimentos ao longo da vida (COSTA, 2009, p. 177).

A governamentalidade neoliberal, no que se refere à educação, transfere para o mercado a responsabilidade de decidir a cada momento, o que deve ser ensinado ou que tipo de sujeito deve ser formado pelo sistema educacional, desde o técnico até o empreendedor. “É para esse lado, de fato, que se vê claramente que se orientam as políticas econômicas, mas também as políticas sociais, mas também as políticas



culturais, as políticas educacionais, de todos os países desenvolvidos” (FOUCAULT, 2008a, p. 319).

As ideias neoliberais nos colocaram diante de um *homo oeconomicus* reconfigurado como empresário de si que busca, através do investimento em si próprio, constituir-se como um capital humano capaz de gerar sua própria renda. É desse sujeito que se deseja aproximar nas análises.

Os Sujeitos Participantes da Pesquisa

Os participantes estão identificados como Sujeito Participante da Pesquisa 1 (SPP1), Sujeito Participante da Pesquisa 2 (SPP2) e Sujeito Participante da Pesquisa 3 (SPP3) de acordo com a ordem cronológica da coleta dos dados. Os excertos (E) analisados estão sequencialmente enumerados (E1, E2...). A pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética.

São histórias de 3 sujeitos, dentre os quais 2 foram contemporâneos na escola e o outro, mais jovem, de uma geração seguinte. SPP1 havia acabado de concluir o ensino médio/técnico em Informática e logo em seguida ingressado na graduação de Tecnologia em Redes. Tinha 18 anos completos na época da concessão da entrevista. Disse que antes de entrar nessa escola, não sabia muito bem qual curso queria fazer. Por ser oriundo de uma cidade muito pequena e morar na zona rural, relatou que possuía pouca familiaridade com a área de tecnologia da informação, mas que a escola “abriu” sua consciência.

SPP2 possui ampla formação. Fez o ensino médio/técnico em Agricultura ou Técnico Agrícola, graduação em Tecnologia e Gestão Ambiental, especialização em Gestão Ambiental, mestrado e doutorado em Engenharia Agrícola. Tinha 29 anos completos na época da concessão da entrevista e estava cursando uma especialização em Gestão Pública e Planejamento Urbano.

O SPP3 também apresenta excelente currículo. É técnico em Agropecuária, graduado e especialista em Gestão Ambiental, mestre em Desenvolvimento Sustentável e doutor em Engenharia Agrícola. Sua mais relevante experiência

profissional até aquele momento, segundo o próprio, foi na área de pesquisas. Tinha 31 anos de idade completos na época da entrevista.

Neste artigo, apresentamos a análise tomando como foco a parte da entrevista na qual os sujeitos relatam como se lançaram ao empreendedorismo. Aqui, as falas dos Sujeitos Participantes da Pesquisa revelaram o quão decisivo foi o papel da escola pública em suas escolhas, desde as primeiras experiências com o empreendedorismo até a decisão de buscar formalmente seus espaços no mercado através dos próprios empreendimentos.

Lançando-se ao empreendedorismo

Os Sujeitos Participantes da Pesquisa narraram suas primeiras experiências com o empreendedorismo revelando um ponto em comum: elas ocorreram dentro da escola durante a realização do curso de nível médio/técnico.

O Sujeito Participante da Pesquisa 1 relata que, quando realizava o 2º ano do seu curso, conversava com seus amigos que estavam se formando sobre o projeto final, uma espécie de trabalho de conclusão de curso, condição indispensável para obtenção do título de técnico em Informática. Esses amigos haviam criado um sistema de gerenciamento para escolas públicas e o convidaram para participar da elaboração de um plano de negócios com o objetivo de concorrer no processo seletivo e ingressar a ideia na incubadora de empresas. Até então, SPP1 não sabia da existência desse setor na estrutura organizacional da escola. Vejamos sua fala:

E1 – SPP1:

Era um sistema de divulgação da escola, então, por exemplo assim, a escola lá do (nome da cidade)), ela tem, agora ela tem uma página que pode disponibilizar nota, disponibilizar atividade pros alunos, que faz todo o gerenciamento. ... faz todo o gerenciamento da escola em si esse sistema. E aí nós três assim, incentivados pelos professores, nós vimos que tinha uma oportunidade da gente conseguir disponibilizar isso para todas as escolas no entorno aqui da região, por meio da estratégia de fazer com que as empresas privadas que tenham interesse, assim, de uma certa divulgação, patrocinasse o nosso site e dessa forma a gente conseguisse fazer com que facilitasse a vida das escolas porque elas teriam a divulgação. Seria mais ou menos isso. Aí a gente entrou aqui no processo, eu também não tinha conhecimento da incubadora, fiquei sabendo da incubadora, a gente criou um plano de negócio, participamos do processo, fomos aceitos né e a gente começou a botar em prática o nosso plano de negócio, só que ele não deu muito certo

*porque aqui na nossa região, todas escolas que a gente foi, eles não tinham muito interesse nessa parte, que eles ainda não viam nesse mercado, **esse possível mercado né, de interação entre o público e o privado**, para eles não era interessante patrocinar a gente para ter esse tipo de divulgação, porque eles já tinham outros meios ou porque eles não se interessavam ou porque eles não queriam mesmo.*

Aqui é mencionada uma tentativa de lançar o referido projeto no mercado através de uma parceria público-privada entre empresas e escolas públicas da região. Sendo assim, as empresas parceiras poderiam utilizar o website do sistema de gerenciamento como meio de divulgação. Embora o projeto tenha sido desenvolvido focando o setor público, ele também foi pensado com possibilidades de conquistar espaço no mercado. As parcerias público-privadas estão centradas na racionalidade neoliberal, uma vez que suas ações se colocam como sendo benéficas ao Estado e à população, mas, sobretudo, constituem também um espaço para a atuação do capital, sob uma sutil maneira de conduzir a privatização do público.

Na sequência da fala do SPP1, fica reforçada a ideia de que o deslocamento neoliberal/empresarial da escola pública possui um grande potencial de produção de condutas econômicas inerentes ao sistema produtivo e predispostas à competição, conseguindo capturar, inclusive, aqueles menos propensos a esse jogo.

E2 – SPP1:

Antes eu não tinha ambição, não tinha a ambição de criar, de criar alguma coisa para vender.** Eu ainda era um estudante, então eu tinha, eu tinha intenção de seguir carreira, ser professor, sabe? Seguir mestrado, doutorado, graduação, não tinha ambição de saber que eu podia **conciliar os estudos né, na área acadêmica e também e também a área empresarial.

SPP1 relata que não tinha a ambição *de criar alguma coisa para vender*, entretanto, percebeu que poderia conciliar a *área acadêmica e também a área empresarial* e, a partir daí, empreender um processo de criação. Essa relação entre a academia e a empresa denota uma situação estratégica, revelando um processo de subjetivação que vincula o saber escolar/acadêmico à lógica empresarial. Em suma, a educação neoliberal é orientada pelo/para o mercado, pois, segundo Dardot e Laval (2016, p. 150-151), “a cultura de empresa e o espírito de empreendimento podem ser

aprendidos desde a escola, do mesmo modo que as vantagens do capitalismo sobre qualquer outra organização econômica”

SPP2 disse que começou a trabalhar muito cedo. Filho de um produtor rural, costumava acompanhar seu pai na lida na roça. Saiu de casa muito jovem e foi morar sozinho em outra cidade para fazer curso técnico.

E3 – SPP2:

*(Cidade onde se situa a escola agrotécnica) tem um projeto interessante que no curso técnico a gente tinha aulas da área de empreendedorismo. Então a gente tinha empresa, tinha uma parte teórica no primeiro ano, no segundo ano tinha empresa simulada, orientada, onde a gente recebeu algumas orientações sobre o documento de plano de negócio, de produtos, de marketing e tudo mais e depois tinha empresa simulada onde a gente simulava a administração de uma empresa, que é um projeto que até antecede a criação da incubadora lá em (cidade onde se situa a escola agrotécnica) eu participei de todo esse treinamento junto com a minha turma no colégio técnico e **gostei muito**. E aí acabei ficando para, não por isso, mas principalmente para fazer faculdade e aí surgiram várias oportunidades, a gente conseguiu incubar a empresa e aí que deu esse start de poder trabalhar, de **poder viver disso**, mas não, não tinha exemplo na família e nem tinha essa perspectiva. Quando eu fui fazer o colégio técnico surgiu na escola.*

SPP2 descreveu no excerto supra como ocorreu o processo de vinculação ao discurso do empreendedorismo ao ponto de entender que poderia adotar um estilo de vida empreendedor e *poder viver disso*, mesmo não tendo essa perspectiva até então. Isso nos mostra que os sujeitos submetidos a esse processo de empresariamento tendem a instrumentalizar sua conduta econômica dentro de uma dinâmica empresarial por toda a vida.

Em sua formação, SPP2 buscou durante os longos anos de estudos conciliar a área rural com a ambiental. Sua empresa é a mesma que começou no curso de técnico agrícola, porém atualmente possui outra razão social. A ideia de criação desta empresa surgiu em uma palestra durante a semana tecnológica, na escola, na qual foi mostrada uma planta, que apresentava excelente potencial de utilização na conservação e manejo de solo e água.

E4 – SPP2:

***Que planta sensacional! dá para utilizar para muita coisa. e aí fui estudar um pouco sobre as características do capim e a gente viu que no Brasil ela era muito pouco utilizada e tinha um potencial e uma oportunidade interessante.** A gente iniciou conversa com o pessoal da (nome da*

incubadora) em (nome da cidade) e começou a desenvolver um plano de negócios, participamos de um concurso de ideias, fomos contemplados dentre os primeiros colocados no primeiro concurso de ideias e aí a gente fundou a empresa e já fazia faculdade, mas a ideia nasceu no colégio técnico agrícola, e amadureceu no colégio técnico e depois no primeiro processo de incubação de empresas da (nome da incubadora), lá em (nome da cidade), em 2008, a gente incubou a (nome da empresa) na época, que hoje é a (nova razão social da empresa).

SPP2 denota em sua fala uma característica considerada muito importante no empreendedor: estar sempre atento e perceber oportunidades de negócios.

A visão de empreendedores como pessoas atentas às oportunidades encontra guarida no pensamento econômico neoclássico. Para Kirzner⁵ (1979⁶), o empreendedor é aquele que se encontra sempre em estado de alerta, para descobrir e explorar novas oportunidades. Esta capacidade de estar alerta constituir-se-ia a principal característica de tais indivíduos. São, sempre, os primeiros a identificar oportunidades lucrativas de negócios (VALE; CORRÊA; REIS, 2014, p. 315).

Ao narrar como ocorreu seu primeiro contato com o empreendedorismo, SPP3 também disse que este ocorreu durante o curso de nível médio-técnico em Agropecuária, por meio de um programa de empresas simuladas, pré-incubadas e incubadas no qual os alunos criavam empresas.

E5 – SPP3:

*Então na época eu criei, simulei uma empresa de condimentos. Então a gente queria plantar um tanto de ervas para fazer temperos. Depois a gente viu que a gente poderia comprar as ervas e só fazer o tempero. Então a gente simulou uma empresa, essa foi minha primeira experiência. E a segunda experiência que eu tive foi um **concurso de ideias** que a incubadora de empresas desenvolveu. Eu ainda estava no técnico, aí eu, eu concorri com dois planos de negócio. Um depois foi, foi, acabou sendo a ideia para criação da empresa que eu pré-incubei e incubei na incubadora de empresas e **o outro foi uma ideia que não deu..., não se concretizando.***

No trecho de sua fala *a segunda experiência que eu tive foi um concurso de ideias que a incubadora de empresas desenvolveu*, fica perceptível que as práticas empreendedoras desenvolvidas na escola ensaiavam preparar o sujeito empreendedor para a competição, uma vez que foi empregado um concurso como

⁵ Israel Meir Kirzner é um importante economista da escola austríaca. Grande parte de seu trabalho é sobre iniciativa empresarial.

⁶ KIRZNER, Israel. Perception, opportunity, and profit: studies in the theory of entrepreneurship. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

meio para selecionar o melhor plano de negócios. Essa prática visa denotar para o aluno que o mercado só reserva espaço para os melhores. Para Veiga-Neto (2013, p. 26), “no sistema neoliberal a liberdade deve ser continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição. Eis aí o ponto fulcral que vai fazer da escola uma instituição do maior interesse para o neoliberalismo”. Quando SPP3 diz *o outro foi uma ideia que não deu...* referindo-se a um dos planos de negócio que não obteve êxito, nos revela uma situação com a qual o empreendedor deve aprender a lidar desde o começo: a possibilidade do insucesso. Mesmo que uma ideia não vingue, não se deve desistir, pois isso faz parte do jogo e todos são livres para repensar suas escolhas. “O empreendedor de si é um ser feito ‘para ganhar’, ser ‘bem-sucedido” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 33).

SPP3 forneceu mais detalhes de como esse processo era organizado durante o curso técnico, informando que os conteúdos eram dispostos dentro de uma disciplina obrigatória.

E6 – SPP3:

Era obrigatório. *E era teórica e prática, e era os três anos cê tinha essa disciplina. Então no início a gente tinha noções básicas, aí a gente também tinha uma outra disciplina de administração, então ajudava muito, então a gente tinha, na época, isso foi em 2000 e::, 2005, 2006 e 2007. Não existia empreendedorismo, assim a nível de ensino médio, ensino técnico.*

E também eu me recordo, eu já estava na graduação. Eu me recordo que a gente participou de um evento em Brasília, uma feira de educação, que (nome da cidade sede da escola) né, a (nome da incubadora), foi a primeira incubadora de empresas ou a única que foi criada em escola agrotécnica.

Segundo o SPP3, a incubadora desta escola *foi a primeira incubadora de empresas ou a única que foi criada em escola agrotécnica*. Atualmente, as práticas empreendedoras desenvolvidas nas escolas ocorrem, em sua grande maioria, de forma paralela ao currículo, através de projetos e com participação facultativa dos alunos. Embora a coerção disciplinar seja eficaz em várias situações, talvez não seja este o caso. Os processos de subjetivação postos em ação nessa prática (extra)curricular podem produzir resultados mais eficientes uma vez que o sujeito-aluno deixe-se capturar, ou seja, ele precisa se subjetivar pelo discurso do



empreendedorismo e tomá-lo como verdadeiro. Do contrário, ele pode resistir e optar em constituir para si outro modelo de conduta econômica.

A normalização da população não se produz por meio de uma intervenção voluntarista de natureza jurídica, nem tampouco é obtida previamente por meio das injunções e do esquadramento que caracteriza o modelo disciplinar. Ela se produz no interior da sociedade, por meio da solicitação feita aos indivíduos para que orientem o exercício de sua liberdade para certas direções mais do que para outras (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2013, p. 251).

Esse deslocamento da escola pública fez com que os sujeitos-alunos submetidos a esse processo de empresariamento se predisusessem a pensar outras formas de inserção no mercado de trabalho. Isso é perceptível nas falas dos Sujeitos Participantes da Pesquisa quando perguntados sobre suas aspirações profissionais durante ou depois da realização do curso técnico.

E7 – SPP1:

*Olha, eu penso, assim, honestamente, em **criar alguma coisa nova né. Como toda pessoa de informática né, criar um aplicativo que bombe e todo mundo usa né, mas a informática, ela tem um ramo muito interessante, que, ela foi criada para resolver problemas. Então eu acho que para mim, estar aqui, ter uma empresa e os clientes virem com um problema e eu conseguir resolver, ou seja, conseguir facilitar a vida dele resolvendo um problema, para mim, é o mais importante. Então pra mim, pra mim a intenção é **criar alguma coisa que resolva o problema de alguém assim, não que eu não queira seguir carreira, etc., às vezes acontece de aparecer uma oportunidade, essas coisas, mas, para mim, o que eu acho mais importante em si, é fazer isso, é ajudar as pessoas usando a minha área como ferramenta.*****

Aqui são revelados dois aspectos do sujeito empreendedor. O primeiro revela um espírito criativo, denotando que o sucesso de um empreendimento está ligado ao fato de se criar algo novo que resolva um problema que afeta muitas pessoas. Quando ele diz *criar um aplicativo que bombe e todo mundo usa*, percebe-se também em sua fala uma projeção de retorno financeiro satisfatório decorrente do consumo massificado do produto/serviço criado, o que lhe proporcionaria realização profissional. Ao mesmo tempo, demonstra uma faceta social quando diz *para mim, o que eu acho mais importante em si, é fazer isso, é ajudar as pessoas usando a minha área como ferramenta*. Os jovens se identificam bastante com o aspecto social das práticas empreendedoras. Ao colocar na balança as possibilidades de realização pessoal e profissional de um lado e do outro a contribuição social que sua prática empreendedora pode gerar para a sociedade, SPP1 disse o seguinte:

E8 – SPP1:

*Ah::, eu penso os dois né. Porque infelizmente não se vive sem dinheiro né, então eu, pessoalmente, tento conciliar os dois né. **Para mim, o mais importante no que eu faço é fazer o que eu gosto. então, para mim, tá lá desenvolvendo uma solução que vai ajudar a pessoa fazer tal coisa, para mim é ótimo, mas infelizmente a gente tem que cobrar por isso, então para mim o dinheiro ele fica sempre em segundo plano, que eu tenho que sempre estar fazendo primeiro que eu gosto.***

eu não vou aceitar, por exemplo, um trabalho de alguém que vá, que queira, para mim um sistema pra sonegar imposto.

É::: por uma questão ética. porque é desleal e eu não vou criar alguma coisa pra pessoa sonegar imposto. Não entrando no mérito né, se imposto é certo ou errado, mas, dizendo assim, que pra mim, eu tenho que pelo menos fazer alguma coisa que eu me sinta bem fazendo.

Percebe-se aqui um discurso atravessado pelo sentimento de autorrealização, já que busca, antes mesmo da satisfação financeira, que para ele é importante, a autorrealização pessoal e profissional. Outro aspecto importante que pode ser observado nesse excerto é a dimensão ética quando SPP1 diz: *eu não vou aceitar, por exemplo, um trabalho de alguém que vá, que queira, para mim um sistema pra sonegar imposto.* É sabido por todos que a informática, assim como muitos outros saberes científicos, pode ser, e certamente o é, muitas vezes, utilizada em malefício da sociedade, entretanto, para SPP1, essa é uma questão ética que depende de nossas escolhas e valores, ou seja, nos seus dizeres, a vida empresarial não é um vale-tudo na busca do ganho. A autorregulação do mercado não está restrita somente à oferta, demanda e formação de preços. A liberdade de mercado também exige que os agentes econômicos ajam com total responsabilidade sobre seus atos, pois

[somente] quando o “código da honestidade”, a ética do trabalho e a preocupação com a liberdade estão suficientemente enraizados no indivíduo é que se pode desenvolver no mercado uma concorrência leal e sadia e que o equilíbrio social pode ser recuperado. Em uma palavra, os “diques” morais que permitem que os indivíduos “se mantenham de pé” são idênticos aos que permitem “manter de pé” a economia de mercado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 130).

As dimensões social e ética são, indubitavelmente, essenciais dentro do jogo do mercado. A racionalidade neoliberal nos submete constantemente no que se refere aos nossos comportamentos econômicos (hábitos de consumo, relações de trabalho, escolhas de investimentos e até mesmo nossa postura fiscal), porém não podemos perder de vista que nossa conduta econômica deve beneficiar a sociedade como um

todo (população, Estado e mercado), além de fortalecer a economia nos níveis micro e macroeconômico.

Para SPP2, o aprendizado e as experiências vivenciadas na incubadora também deram uma grande guinada na sua vida, não só pelo fato de abrir outras possibilidades de inserção no mercado de trabalho, mas também porque foi a partir dali que ele decidiu continuar seus estudos em nível superior e pós-graduação, o que lhe permitiu adquirir um acervo de conhecimentos avançados em sua área de atuação, investir em seu capital humano e aumentar suas chances de sucesso.

E9 – SPP2:

*Na verdade, quando eu saí, eu saí de casa aos 14 anos (quatorze) para fazer colégio técnico. Fui morar em (nome da cidade) sozinho e a intenção era fazer o curso técnico, voltar embora, arrumar um trabalho com carteira assinada em (nome da cidade), (nome de outra cidade), na região e ficar por aí, mas várias questões me fizeram **ficar por lá e uma delas foi essa possibilidade de poder empreender, com tudo que eu, eu aprendi na, na incubadora.***

Sobre outras possibilidades profissionais para além da vida empresarial, a fala de SPP2 está atravessada por questões relacionadas ao capital humano:

E10 – SPP2:

*Na verdade, são duas paixões que eu tenho. eu gosto muito, muito da **docência, da pesquisa, mas eu sou muito feliz e gosto do que eu faço aqui.** Então até já surgiram algumas oportunidades, fazer um pós-doc e tudo mais, mas no momento eu avaliei que eu precisava fortalecer um pouco a (nome da sua empresa). É uma empresa familiar, meu pai é meu sócio, mas num futuro próximo, eu pretendo sim trabalhar com a docência e com pesquisa também, mas a (empresa) continua.*

Ao se referir à docência e à pesquisa como outras paixões em sua vida, SPP2 subentende que o saber oportuniza melhores condições de vida e isso também faz parte de sua constituição como empreendedor de si.

Sobre as possibilidades de projeção profissional, SPP3 revelou em sua fala o grande impacto que as práticas curriculares voltadas para o empreendedorismo tiveram em sua vida, conduzindo-o a um caminho que ele não imaginava seguir:

E11 – SPP3:

*Não tinha uma ideia muita clara do que eu queria fazer da vida, mas **com certeza não era ser empreendedor.***

Teve um impacto grande no sentido de que, eu me lembro de que, todas as disciplinas que minha turma fazia, a gente gostava tanto ao ponto de querer abrir um negócio naquela determinada disciplina.

*Então **criou-se uma cultura de empreendedores ali** que não observei isso em outras instituições.*

Nesse excerto, pode-se perceber que não só o Sujeito Participante da Pesquisa 3, mas também seus colegas de classe, segundo o próprio, já estavam bastante atravessados pelos discursos que sustentam a cultura empreendedora como sendo um modo de estar no mundo. “Isso equivale a dizer que as práticas discursivas moldam nossa maneira de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2007, p. 93).

Pela perspectiva da governamentalidade neoliberal, mesmo concorrendo com outras fontes de saber como os coachings, a internet e outras mídias, pode-se dizer que a escola pública continua sendo uma importante e eficaz tecnologia de governo capaz de atravessar um grande número de pessoas. Nos excertos analisados é possível observar o poder sendo exercido sobre um grupo de sujeitos livres que tomou para si uma determinada conduta ou comportamento (empreender), validado por um saber (de natureza econômica).

Em suma, os processos de subjetivação voltados para o empreendedorismo dentro das escolas públicas apontam para a produção de um sujeito flexível, criativo e adaptável e não um sujeito disciplinado, enrijecido. As constantes e bruscas mudanças que marcam nosso tempo, principalmente, no que diz respeito à economia, exigem sujeitos com uma postura capaz de dar respostas rápidas aos desafios do mercado.

Considerações finais

Neste trabalho, tivemos a intenção de apresentar as pressões que a escola pública tem sofrido para adequar-se ao mercado, de modo a produzir os tipos de sujeitos que devem ser fabricados, os saberes que devem circular, os comportamentos econômicos que devem ser adotados e os hábitos de consumo e investimentos que devem ser praticados, ainda que de forma bastante sutil, pelas políticas de subjetivação fomentadas no interior dessa instituição, já que quem está na escola se torna mais visível às ações do Estado.

Desse modo, apresentamos a escola pública estrategicamente utilizada como um dos dispositivos da governamentalidade neoliberal, capaz de conduzir e administrar os processos de subjetivação que fabricarão o sujeito neoliberal, o sujeito privatizado que não necessitará do Estado e que, ainda, contribuirá para sua manutenção, pois estará muito mais focado nos seus interesses do que preocupado com seus direitos, investindo na sua própria formação e saúde, que produzirá, consumirá e pagará seus impostos. Enfim, um sujeito livre e empreendedor de si mesmo, que buscará incessantemente seu espaço no mercado de trabalho e uma existência social e economicamente aceita.

Ao analisar discursivamente as falas dos Sujeitos Participantes da Pesquisa, pode-se identificar características, práticas, comportamentos, pensamentos e atitudes harmonizadas com as condutas econômicas, requeridas pela lógica neoliberal, que atravessam a constituição desses sujeitos. Estamos diante de um processo de apropriação e subjetivação que foi sendo construído paulatinamente desde o momento em que estes sujeitos foram capturados pelo discurso do empreendedorismo e, a partir de então, tomaram para si como verdadeiro, este modelo de conduta econômica, o *homo oeconomicus*, de que fala Foucault (2008a)

Cientes de sua importância para as economias mercado, da competição voraz que vão travar, das características que devem aprimorar para trilhar o caminho do sucesso, dos desafios que certamente irão enfrentar, dos medos e incertezas que podem cruzar seus caminhos e do compromisso que eles próprios entendem ter com a sociedade, os sujeitos empreendedores de si são induzidos pela racionalidade neoliberal, particularmente a partir da Teoria do Capital Humano, a investirem em si mesmos e aumentarem suas chances de sobrevivência no mercado, pois segundo Dardot e Laval (2016, p. 331) “todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal”.

Todos entendem como positivo o impacto que o empreendedorismo teve em suas vidas e veem o mercado do país, apesar das dificuldades, com bom potencial. Apesar de fortemente subjetivados pelo discurso neoliberal, de empresários de si, os sujeitos se colocam de modo ético frente aos novos saberes e, também, não

descartam a possibilidade de se dedicarem à vida acadêmica, inclusive cursando mestrado e doutorado. Assim, esta pesquisa mostrou as várias facetas da escola pública contemporânea, de filiação ao discurso neoliberal, mas também, de resistência, na voz dos sujeitos entrevistados.

Referências

COSTA, S. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação & Realidade**. v. 34, n. 2, p. 171-186, maio/ago. 2009. ISSN 2175-6236. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br>>.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. In: MACHADO, R. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: Curso no Collège de France, 1978-1979. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France, 1977-1978. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

MARTINS, L.; PEIXOTO JUNIOR, C. Deslocamentos na governamentalidade: a subjetivação como resistência ético-política em Foucault. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, n. 27, p. 245 - 259. maio/ago. 2013. Versão impressa ISSN 1519-549X. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a04.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2020.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 4 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 1983.

VALE, G.; CORRÊA, V.; REIS, R. Motivações para o Empreendedorismo: necessidade *versus* oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 311 - 327, maio/jun. 2014. ISSN 1982-7849. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rac/v18n3/v18n3a05.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2020.



VEIGA-NETO, A. Governamentalidade e educação. **Revista Colombiana de Educación**. Bogotá, Colombia, n. 65, p. 19 - 41, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcde/n65/n65a02.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2020.